

## RESENHA DA OBRA, QUANDO NINGUÉM EDUCA: QUESTIONANDO PAULO FREIRE

BOOK REVIEW, WHEN NOBODY EDUCATES: QUESTIONING PAULO FREIRE

RESUMEN DE LA OBRA, CUANDO NADIE EDUCA: CUESTIONANDO PAULO  
FREIRE

*Bruna Viedo Kich<sup>1</sup> Adriana Claudia Martins<sup>2</sup>*

A obra *Quando ninguém educa: questionando Paulo Freire* publicada pela Editora Contexto, 2017, é uma crítica não somente a situação da educação brasileira, mas também ao chamado *populismo pedagógico*; uma estratégia derivada do movimento de expansão escolar. Esta é apontada pelo autor como uma forma de afetar a educação brasileira através da maneira anacrônica de ler Paulo Freire durante a formação pedagógica. Ronai Rocha, professor da Universidade Federal de Santa Maria, organiza a tessitura de sua obra em 153 páginas, contando com uma introdução e três grandes partes; as quais contam com a alegoria do sábio de Zilbra, usada pelo autor para elucidar o seu ponto de vista.

No momento introdutório, Rocha apresenta as inquietações presentes na sua história de vida e que deram origem a obra: seu papel no sindicato dos professores, a presença dos seus filhos na escola pública, como a greve participou de sua vida nesses dois contextos, a ausência dos estudos aprofundados sobre Freire na sua formação acadêmica e a sua visão de que o autor de *Pedagogia do Oprimido* é ainda visto como um autor operacional e não como um clássico. Nessa direção, Rocha realiza um movimento esclarecedor sobre pedagogia, currículo e formação de professores, e ainda reflete acerca

<sup>1</sup> Graduada em Letras Inglês pela Universidade Federal de Santa Maria. Pós graduanda no Curso de Especialização em Gestão Educacional pela Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>2</sup> Doutora em Educação – UFSM; Doutoranda em Letras - Estudos Literários – UFSM; Mestre em Letras - Estudos Linguísticos – UCPel; Especialista em Língua Portuguesa e Literatura; Graduada em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e respectivas Literaturas – UNIFRA.

da crise das instituições educativas brasileiras, considerando o cenário pedagógico e curricular a partir dos anos 70.

Na primeira parte, o autor se dedica à reflexão teórico-crítica acerca da representatividade da instituição escolar no cenário atual, através de mudanças sociológicas dos papéis que a compõem. Rocha também traz questões relativas ao currículo, ao conhecimento e as suas formas e ainda, ao que chama de *uma leitura anacrônica de Freire*. Nesta seção, a escrita é organizada em sete subtítulos, quando o autor apresenta o contexto da proposta da Base Nacional Curricular Comum de 2015 e uma síntese das teorias que emergiram acerca do tópico Currículo na década de 60, bem como suas críticas a elas.

Na primeira seção, *O currículo e as competições ferozes*, Rocha ocupa-se de um panorama da BNCC e a relação dela com o currículo escolar. Para isso, o professor sintetiza algumas teorias de currículos em determinados períodos histórico-brasileiros, tais como: o currículo por objetivos - fruto da ditadura militar no Brasil e o surgimento da Nova Sociologia da Educação. Ele cita estudiosos que se ocuparam da relação entre currículo, poder e ideologia e desempacota - termo o qual o autor lançou mão - o conceito de educação.

Na sequência, *Onde nos extraviamos?*, Ronai Rocha disserta acerca do extravio da cultura curricular e pedagógica com as mudanças de identidade sofridas pelos envolvidos no processo, originando aquilo que o autor denomina extravio pedagógico. É nesse momento em que são tecidas as suas primeiras críticas a maneira de ler Freire, em especial a obra *Pedagogia do Oprimido*. Vale sublinhar que a crítica se dá quanto ao sentido restrito no qual o termo é utilizado e, quanto ao uso indevido da palavra *oprimido*. O autor esclarece que a que a forma de ler Freire e o seu pensamento afeta tanto o ensino no país, quanto a escola e a sua função na atual conjectura educacional brasileira.

Em *O currículo como iniciação*, está presente uma introdução da discussão do lugar de debates acerca do currículo. Nesse ponto, o autor faz referência a *Thoreu* para organizar uma metáfora daquilo que pode ser dimensionado com dualidade, assim como

o currículo que apresenta um aparato de conhecimentos e habilidades necessários, mas que também é um entrave na formação política do indivíduo.

Para dar continuidade a essa discussão, o subtítulo que segue é *O currículo como mensagem*. Neste contexto, Rocha elucida os conceitos de *Bernstein*: discurso horizontal e discurso vertical, construindo assim uma analogia à disposição das disciplinas no currículo. Nesse ponto, o autor crítica a promoção do populismo pedagógico gerado por uma romantização do discurso horizontal.

No quinto capítulo, *Formas do conhecimento* e, mais precisamente, no subtítulo: *Raciocínio crítico e inspiração vazia*, Rocha tece uma introdução à crítica vindoura sobre o impacto de *Pedagogia do Oprimido* e sobre a pedagogia brasileira. Para isso, o autor se debruça no trabalho de *Hirst e Peters* para criticar os modelos tradicionalista e populista de educação, através da exposição de ideias presentes no livro *A lógica da Educação* (HIRST; PETERS, Rio de Janeiro: Zahar, 1972).

O sexto capítulo, *Ninguém educa Ninguém*, é o guia a criação do título do livro de Ronai Rocha. Nessa parte, Rocha faz críticas à ausência de clareza de conceitos apresentados no livro *Pedagogia do Oprimido* e, com o subtítulo: *uma obra importante, uma leitura anacrônica*, o autor explicita a falta de objetividade ao se tratar da escola e as tendências à doutrinação populista, as quais são tecidas através de citações retiradas da obra de Freire e comentadas nas sequências da obra. A miúdo, o autor explora duas questões centrais: a forma como a frase *ninguém educa ninguém* apenas faria sentido na educação de adultos e por essa razão, ao ser aplicada como referência pedagógica nos níveis iniciais, prova o esvaziamento dos papéis do professor - por isso, um anacronismo - e a ausência da variedade de conhecimentos expostas por Freire. Para realizar esse movimento, primeiro o autor ocupa-se dos estudos de *Hanna Arendt* e da sabedoria chinesa de *Mao* para depois, traçar um comparativo entre as ideias presentes em *Pedagogia do Oprimido*.

Para encerrar a primeira parte da obra, Rocha intitula de *Variedades do conhecimento* a seção que descreve *teorias e metateorias*. O autor explica acerca da possível dificuldade de uma conversa entre o professor e o teórico da educação e diz que,

nos cursos de formação continuada, “quando o teórico faz uma palestra lendo seu texto, não tem muita chance de sucesso. Se a palestra for feita na base do olho no olho, o professor em formação até pode prestar atenção, mas poucas vezes se reconhece no teórico. É tudo  *muito* Morin e Maturana” (ROCHA, 2017, p. 77, grifo do autor). Ronai Rocha ainda chama nossa atenção para o que precisamos conhecer: o outro, nós mesmos, o mundo, limites e fronteiras das variedades do conhecimento e das dimensões face à máquina da desconstrução.

A segunda parte conta com dois capítulos: *Currículo e Epistemologia*, e *O resgate do uno*. O primeiro, no qual o autor elucida acerca dos sentidos da palavra interdisciplinaridade e, também, da ausência de propostas que inovem o nível médio de educação no Brasil e da importância do currículo como roteiro no processo de educação, dedica-se à natureza das disciplinas escolares distribuídas no currículo. No capítulo subsequente, o autor aprofunda a discussão acerca do uso de interdisciplinaridade. Através de excertos de documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Rocha mostra que a forma como o termo interdisciplinaridade é posto é ainda muito vaga, e que lhe faltam conceitos para defini-lo. Nesta seção, está presente um levantamento do uso do termo nos documentos que regem e guiam a educação brasileira e, por meio deles, o autor propõe um debate no que tange à formação e à elaboração do currículo escolar.

Ronai Rocha vai *Reunindo lembranças* na terceira parte de seu livro. De modo próximo e significativo, o autor coloca-se em diálogo com quem lê sua escritura. Um pouco distinto do modo como ele inicia a obra, pois, primeiramente, faz um desenho mais teórico neste interim da terceira parte, apesar de não abandonar o fio condutor de sua reflexão e continuar os questionamentos acerca da obra de Freire e dos conceitos que exigem atualização do leitor. É ele quem diz: “O que escrevo nesta terceira parte do livro deixo bastante em relação às duas primeiras, pois o que vou fazer aqui é uma reunião de lembranças para certas finalidades” (ROCHA, 2017, p. 116).

O sentido da escola é o tema da *primeira série de lembranças* do autor, quando este enuncia que a expressão *ninguém educa ninguém* foi pontificada por Freire no espaço-tempo em que autores críticos e pós-críticos trouxeram suas teorias. Ronai Rocha reitera

que Paulo Freire sofreu uma leitura anacrônica, pois não se considerou o contexto em que Freire escreveu suas afirmações e, nem tampouco, a projeção política de seu trabalho.

Rocha escreve em *o portal da escola* sobre o que é a escola, postula na direção de uma crítica que sugere que essa tem perdido sua identidade. Nesta direção, ele sublinha que a escola não consiste, apenas, em um lugar para aprender a ler, escrever e contar, mas sim é “o lugar de apresentação de um mundo novo e diferente, no qual a cor da pele, o formato dos olhos e o tipo de roupa não devem contar na lista dos méritos pessoais” (ROCHA, 2017, p. 118).

Na *segunda série de lembranças* Rocha desenha a sala de aula, cujo palco possibilita “pequenos jogos de hierarquia social para os pequenos exercícios de vontade, de prestígio e submissão” (ROCHA, 2017, p. 123). Neste viés, ele critica os cursos de formação de professores e aclara que crianças e jovens em reunião com professores não é assunto para amadores.

Nesta direção, Rocha chama Hannah Arendt para um diálogo na *terceira série de lembranças*, e compartilha com a filósofa a visão da escola. *A didática é a arte da graça*, afirma Ronai Rocha e, assim, ele recolhe a didática do canto empoeirado em que foi deixada nos anos 70, considerando-a necessária e escreve que “os conteúdos escolares ligados mais diretamente às formas de auto compreensão e valores de vida do aluno exigem uma didática muito especial, que precisa respeitar as distâncias de fuga e evitar o caminho da simples estampagem” (ROCHA, 2017, p. 130). É na *quarta série de lembranças* que Rocha tece sobre as disciplinas escolares e, neste caminho, continua refletindo acerca das dificuldades da formação didática, considerando que essas dificuldades estão para além das de ordem financeira e material.

Um fenômeno intrigante é o crescente uso da palavra interdisciplinaridade. O autor adentra a *quinta e última série de lembranças* sublinhando sobre a interdisciplinaridade, esta como teórica e como panaceia. Neste sentido, ele questiona este vocábulo, sua função e o motivo pela qual tanto falamos nela. Nas lembranças, Rocha ainda lembra de *ganhos e perdas*, no que tange à educação e deixa que fique no “chão da escola, um



esforço de reconhecimento de certos sentimentos fundamentais ali presentes” (ROCHA, p. 147).

Entender o livro é o desafio que Ronai Rocha coloca-nos ao discutir o que acontece com a formação de professores e com a pedagogia brasileira desde os anos 70. A história de Freire e de suas obras como referência é fio condutor para se refletir sobre as formas com que as teorias acabaram politizando a Educação.

Esta é uma leitura interessante, de escrita clara e simples, uma síntese de ideias que o autor construiu e que nos remete, no mínimo, à reflexão. Ainda na introdução da obra, é Ronai Rocha quem nos alerta ser este, não somente um projeto acadêmico, mas também uma espécie de caderneta de anotações pessoais.

## REFERÊNCIAS

HIRST. P. H.; PETERS. R. S. *A lógica da Educação*, trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

ROCHA, R. *Quando ninguém educa: questionando Paulo Freire*. São Paulo: Contexto, 2017.